

A Mudança do Garcia como folkcomunicação no carnaval de Salvador – BA¹

Rafael Santana Lopes²

RESUMO

Ao longo dos anos a mídia vem dando o tom à vida em sociedade podendo influenciar nos processos sociais que relacionam outros campos como o da política e o da cultura. De encontro a representações midiáticas, grupos sociais têm se organizado para o desenvolvimento de formas próprias de comunicação para expressar ideais e reivindicações num processo contra hegemônico. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as formas de materialização da folkcomunicação por meio do movimento político-sindical durante a Mudança do Garcia, bloco carnavalesco predominantemente de esquerda, no carnaval de Salvador. Como procedimento metodológico foi utilizado revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Carnavalização; Comunicação Sindical; Cultura;

INTRODUÇÃO

O bairro do Garcia possui uma cena cultural efervescente. Localizado na região central de Salvador, está próximo ao Campo Grande e é um dos bairros soteropolitanos mais plurais em termos de cultura. A origem do nome deriva da fazenda do Conde Garcia D'Ávila, que ocupava uma região com metade do atual território da Bahia. O Teatro Castro Alves tem acesso pelo Garcia, além do Colégio Dois de Julho que faz parte do bairro e outros dois espaços educacionais tradicionais de Salvador: o Colégio Antônio Vieira e o Sacramentinas – estes dois últimos fundados por missões católicas.

Grande celeiro cultural, o bairro ficou popular com a difusão da música do sambista Clementino Rodrigues, conhecido como Riachão (1921 – 2020), que fez o

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação (UFRB – Mídia e Formatos Narrativos) e jornalista (UFRB). E-mail: raufis@gmail.com

Garcia ser conhecido mundo afora pelas suas composições. Suas canções foram gravadas por grandes nomes da música brasileira a exempli de Caetano Veloso e Gilberto Gil que interpretam “Cada Macaco no Seu Galho” marcando seus retornos ao Brasil após o exílio político durante o regime militar. Quem também interpretou música de Riachão foi Cássia Eller com “Vá Morar com o Diabo”.

Mas, além de berço do samba, o Garcia é palco da manifestação político-cultural que ocorre todos os anos, às segundas-feiras, durante o carnaval de Salvador: a Mudança do Garcia. Atração tradicional do local, o bloco surgido em 1926 com nome de Arranca Tocos é famoso pela irreverência e popularidade que agrega a militância de esquerda baiana e turistas num circuito de contra hegemonico da folia momesca. Depois mudou para Faxina do Garcia e por fim Mudança do Garcia (desde 1960).

Os foliões costumam produzir fantasias e cartazes de protesto, geralmente contra políticos e governantes, e desfilam embalados por bandas de sopro e percussão. É possível identificar pessoas de todas as idades e classes sociais, vestidas a caráter ou não, participando do cortejo que segue 3 do fim de linha do Garcia ao bairro do Campo Grande, que integra o circuito Osmar.

A Mudança do Garcia é um bloco que agrega a militância de esquerda, especialmente a ligada aos sindicatos operários, na folia soteropolitana. Há registros de duas versões acerca da origem do movimento político-cultural: uma é a de que o bloco surgiu depois do despejo, numa segunda-feira de carnaval, de uma prostituta que morava no bairro. A outra versão vem do protagonismo do então vereador no ano de 1959, Herbert de Castro, que promoveu uma reivindicação para urbanização do bairro obtendo aceitação da prefeitura de Salvador que, por meio do gestor público à época, se sensibilizou para a execução dos serviços na localidade, promovendo uma grande “mudança” – daí a origem da nomenclatura “Mudança do Garcia”.

Com fantasias e mensagens que remetem a problemas sociais e de cunho político, a Mudança já faz parte do carnaval de Salvador de forma institucionalizada pela prefeitura e governo do estado e é considerado um espaço de livre manifestação que exhibe e proclama palavras de ordem de forma democrática e plural. Verifica-se então que a manifestação político-cultural que ocorre no bairro emerge como uma forma de comunicação de cidadãos, grupos políticos e representantes sindicais de diferentes

categorias da capital baiana e de outras regiões do estado que também participam da folia.

Com as características supracitadas, o movimento tem presente manifestações expressivas de folkcomunicação, uma vez que participam pessoas de diversos segmentos e grupos sociais podendo pessoas excluídas e marginalizadas na sociedade se manifestarem e darem seu grito de protesto ou mesmo se exhibir com fantasias que desfilam com críticas sociais, além das faixas e cartazes com palavras de ordem. A proposta desta pesquisa é difundir a história da Mudança do Garcia no entrecruzamento com a comunicação dos excluídos, a folkcomunicação.

COMUNICAÇÃO, FOLKCOMUNICAÇÃO E OUTROS CAMPOS DO SABER

A respeito da pluralidade do movimento popular, Edgard Mesquita de Oliva Junior (2008) considera que a saída da “Mudança do Garcia” atinge seu objetivo a partir da manifestação de cada cidadão que se expressa como assim o desejar direcionando suas mensagens para a sociedade como um todo, sejam elas de caráter privado ou público.

No contexto geral das imagens ali observadas e registradas, quando as cito refiro-me ao conjunto de mensagens imagéticas, sejam elas literárias em formato de pequenos textos, sejam elas não-verbais, como a produção de fantasias, máscaras e representações simbólicas, que nos remetem a conteúdos políticos das esferas municipais, estaduais ou nacionais. (OLIVA JUNIOR, 2008, p. 94).

O desfile da Mudança do Garcia evidencia as múltiplas possibilidades de comunicação de pessoas e entidades organizadas da sociedade civil que fazem parte de um movimento contra hegemônico na folia soteropolitana. Desse modo, o problema desta pesquisa está centrado na investigação sobre as formas de materialização da comunicação político-sindical e como estas estão relacionadas no bloco Mudança do Garcia, no carnaval de Salvador – BA. Espaço de expressão, portanto comunicacional, o bloco pode ser uma grande vitrine no carnaval baiano no âmbito dos movimentos populares

A manifestação político cultural pode ser configurada como um fenômeno folkcomunicação com a participação de integrantes de um movimento popular de protesto tradicional do carnaval baiano. A emissão de mensagens durante o ato que é, ao mesmo tempo, festivo e político, é uma forma de comunicar das minorias que veem no movimento a oportunidade para se expressar.

Para entender os processos sociais imbricados na Mudança do Garcia, faz-se necessário analisar as interfaces da comunicação com outros campos do saber, a exemplo do político e o da cultura.

Fenômenos comunicacionais têm dado cada vez mais o tom da vida em sociedade num processo que envolve ora representação, ora subjetivação dos indivíduos de acordo com interesses peculiares de narrativas midiáticas. A pesquisa busca evidenciar como instrumentos de comunicação popular podem influir na vida em sociedade e de que forma se relacionam com a mídia convencional num processo que envolve disputa de narrativas constituindo um movimento político, cultural e contra hegemônico.

A pesquisa parte da concepção de “esfera pública” de Jürgen Habermas (1962) entendido como instância mediadora entre Estado e a esfera privada. O autor argumenta que, embora tenha função política, a esfera pública é privada na sua composição, por se tratar de pessoas presentes no espaço público.

A esfera pública é um conceito-chave para o estudo da interface entre comunicação e democracia há pelo menos 50 anos, e descreve o espaço comunicativo entre esfera privada burguesa e o Estado. Como fenômeno social e como conceito, passou a ser empregado de modo relevante em teoria política a partir de Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa (HABERMAS, 1962).

Para o autor, o desenvolvimento do capitalismo mercantil no século XVI, junto com as transformações institucionais do poder político, criou condições para a emergência de um novo tipo de esfera pública nas origens da Europa moderna (THOMPSON, 2002, p.68).

Assim, designa aquele domínio da vida em sociedade a que pertence o que é de interesse comum, o que a todos concerne e que, por isso mesmo, deve ser acessível cognitiva (visibilidade) e fisicamente (abertura). A esfera pública burguesa é descrita como um âmbito normativamente livre do domínio das instâncias estabelecidas e isento do poder do Estado (GOMES, 2014, p.223).

A esfera pública burguesa designa um domínio social que nem é o do Estado, nem o da produção econômica, nem da intimidade. Mas partilha com estas duas últimas uma analogia de reivindicações polêmicas em face ao 7 Estado: enquanto a esfera privada da economia pretende se defender da intromissão do Estado e quer a liberdade para negociar preços e produtos, e a esfera íntima reivindica direitos da privacidade subjetiva e da intimidade, a esfera pública política reivindica que os negócios públicos (os assuntos da comunidade política) sejam objeto da livre negociação horizontal no mercado de ideias e argumentos (GOMES, 2014, p.223).

Habermas, portanto, compreendia a realidade em duas dimensões: mundo da vida e sistema. Nessa concepção dualista, o mundo da vida é contido pela esfera pública e privada ao passo que o sistema é constituído pela economia e o Estado. A emancipação do indivíduo somente poderá ocorrer quando a lógica do mundo da vida governar o sistema em que o próprio processo emancipatório é reconstruído como situação ideal de fala, em que os interlocutores têm o mesmo repertório, condições de intervenção, compreensão e poder para pactuar o entendimento que se consolidará como verdade.

Ao explicar a emergência da esfera pública burguesa, Habermas atribuiu particular importância ao surgimento da imprensa periódica. Os jornais críticos e os seminários morais que começaram a aparecer na Europa em fins do século XVII e ao longo do século XVIII produziram um novo fórum de debate público. E também novos centros de socialização apareceram nos principais centros urbanos da Europa moderna, incluindo salões e cafés que, a partir de meados do século XVII, se tornaram lugares de discussão e ambientes sociais onde as elites instruídas podiam interagir entre si e com a nobreza em posição mais ou menos de igualdade.

A ideia de esfera pública faz relação direta com o conceito de hegemonia de Gramsci. No entanto, o uso do termo nesta pesquisa assume a ressignificação do

conceito proposta do Williams (1979) que, para além da definição tradicional (ligada ao poder ou domínio político), especialmente nas relações entre Estados traz a perspectiva das relações culturais e os espaços de disputa simbólica, com questionamento das estruturas que perpassam um tempo de longa duração. Williams ampliou o conceito de hegemonia para as relações entre as classes sociais. Com isso, “hegemonia” é uma teoria que inclui os conceitos de cultura como “todo um processo social” em que os homens definem suas vidas, e o de “ideologia” como sendo a expressão ou projeção de interesses classistas.

Num contexto contra hegemônico, a Mudança do Garcia consegue ocupar um lugar de destaque no carnaval de Salvador que por muito tempo foi ofuscado pela imprensa soteropolitana que mira seus holofotes para a folia da orla, mais especificamente o circuito Dodô que vai da Barra à Ondina – bairros nobres da capital do estado.

Outro conceito que pretendemos operar é o de carnavalização, expresso na obra de Bakhtin (1987). Para o autor, carnaval é um lócus privilegiado da inversão, onde marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa explosão de alteridade em que se privilegia o marginal, o periférico, o excludente. A representação do carnaval em Bakhtin é basicamente o que a Mudança do Garcia pode proporcionar com a manifestação político-cultural em Salvador, uma festa plural que vai de encontro a normas, tabus religiosos e valores políticos e morais correntes. Desta forma, o conceito de carnavalização também irá de entrelaçar com “esfera pública” e “hegemonia”.

Conforme aponta Trigueiro (2008), Luiz Beltrão já sinalizava que o processo de folkcomunicação é marcado pela estruturação de mensagens de forma artesanal voltada para receptores que fazem parte de grupos de referência primária de interconhecimentos. Assim, as mensagens eram dirigidas a um determinado mundo enquanto as mensagens dos meios de comunicação são voltadas a um universo maior, com grande alcance de receptores.

Porém, com a conjuntura atual da comunicação integrada sobretudo pelas mídias sociais digitais que emergem com instantaneidade e modificam nas pessoas a forma de comunicar e propagar informações, a atuação de agentes folkcomunicacionais mudou, bem como o alcance de suas mensagens.

A presença destes agentes em redes sociais digitais faz com que as mensagens ecoem para um público amplo e diverso podendo inclusive furar bolhas e ampliar o alcance do que aquele ou aqueles grupos querem transmitir à sociedade. Assim, a Mudança do Garcia ganha corpo midiático no âmbito do ativismo folkcomunicacional – fator que pode contribuir para a construção da imagem do bloco também no meio midiático, mas que também consegue se expandir pela própria comunicação das massas.

A MUDANÇA DO GARCIA COMO FENÔMENO COMUNICACIONAL

Para ajudar na compreensão da Mudança do Garcia enquanto fenômeno comunicacional é utilizado como base o conceito de comunicação popular apontado por Cicilia Maria Krohling Peruzzo (1998). A autora aponta que a comunicação popular faz uso essencialmente de um conteúdo crítico. Assim, “[...] julga-se a realidade concreta, local ou mais abrangente, tanto em nível de denúncia descritiva quanto de interpretação ou de opinião, levantando reivindicações, apelando à organização e à mobilização popular, apontando para a necessidade de mudanças.” (PERUZZO, 1998, p. 156).

Sobre movimentos populares, Cicilia Maria Krohling Peruzzo (2007) considera como manifestações e organizações que buscam conscientizar e organizar a ação de grupos subalternos para satisfazer seus interesses e demandas, a exemplo de melhoria das condições de vida e acesso aos meios de produção e consumo para uso coletivo e individual. Mas, também têm como objetivos “[...] promover o desenvolvimento educativo-cultural da pessoa; contribuir para a preservação ou recuperação do meio ambiente; assegurar a garantia de poder exercitar os direitos de participação política na sociedade e assim por diante.” (PERUZZO, 2007, p. 2).

Acervos da Associação Bahiana de Imprensa (ABI), Sindicato dos Bancários da Bahia, APLB Sindicato e Arquivo Público do Estado da Bahia possuem documentos e registros do movimento cultural, bem como a própria família de Herbert de Castro, à época morador do bairro e um dos fundadores do bloco. As fontes podem contribuir para o aprimoramento desta pesquisa cuja investigação não se esgota neste artigo.

A utilização de entrevistas com integrantes da Mudança do Garcia e personagens políticos e sindicais também poderá contribuir para outros desdobramentos e

enriquecimento da pesquisa em torno do bloco Mudança do Garcia e suas representações comunicacionais.

Wilson Gomes (2004) argumenta que a comunicação protagoniza modificações no campo da política, atreladas à questão da visibilidade. Neste sentido, o autor destaca como a sociedade e a política vêm se adaptando a imposições midiáticas. Assim, para verificar a influência da mídia impressa de Salvador na divulgação da manifestação político-cultural, esta pesquisa se propõe também a avaliar conteúdos veiculados nos três principais jornais impressos de Salvador (Correio, A Tarde e Tribuna da Bahia) entre 2020 e 2024.

CONSIDERAÇÕES

A Mudança do Garcia, assim como outras manifestações populares da Bahia têm expressividade com a participação de agentes midiáticos pertencentes a diversos grupos ou mesmo pessoas que de forma individual se juntam a outras para se expressar diante de um movimento. O protagonismo destes agentes é crucial para a consolidação do festejo que para além de um momento de celebração figura como um manifesto político cultural fazendo ecoar vozes e levar mensagens de protesto adiante. Os integrantes da Mudança do Garcia, cada um com seu público, é capaz de exibir sua atuação não somente no evento propriamente dito, mas também em suas redes sociais digitais.

É possível concluir que a folkcomunicação presente na manifestação já assume outro patamar no âmbito do alcance e amplitude das mensagens – cenário que pode ser modificado principalmente pela emergência de novos meios comunicacionais como as redes sociais digitais. O bloco carnavalesco é apenas uma amostra da presença da folkcomunicação em solo baiano manifestada na atuação de sujeitos excluídos socialmente e/ou que não têm suas pautas ouvidas.

Este trabalho emerge como um embrião para o aprofundamento do tema em pesquisas posteriores. A execução de pesquisas empíricas pode contribuir

significativamente para a construção de uma teoria contemporânea da folkcomunicação num contexto globalizado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. Brasília: Editora da UnB, 1987.

GOMES, Wilson. **Sobre a transformação da política na era da comunicação de massa**. In: XIII Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. Anais... Compós, 2004. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_601.pdf. Acesso em: 18/11/2020.

GOMES, Wilson. Esfera pública política. In: CIRELLI, Adilson et al. **Dicionário da comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 221-229.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. 1962.

OLIVA JUNIOR, Edgard Mesquita. **Mudança do Garcia: uma estética particular no carnaval da Bahia**. Revista Cultura Visual: Salvador, nº 11, novembro/2008. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/rcvisual/article/view/3376/2468>. Acesso em 15/11/2020.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Revista Lumina: Juiz de Fora, vol.1, nº1, junho/2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989/11364>. Acesso em 18/10/2020.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, 5a edição.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **A Folkcomunicação no contexto da sociedade globalizada: do líder de opinião ao ativista midiático**. Editora UFPB, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Zahar, 1979.